

# A casa-grande do engenho Pituaçu, em Canguaretama

Arquiteta e Diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

Com a elevação da povoação de Uruá à condição de Vila, em 1858, a mesma tornou-se sede municipal com a denominação de Canguaretama. Foi então que surgiram diversos engenhos de açúcar, localizados nos arredores da vila, um dos quais foi o Engenho Pituaçu, cujas terras confinam com aquela cidade de Canguaretama. Fundou-o o português Manuel Antônio de Meeiros. Em seguida, tornou-se proprietária do engenho a família Bezerra. Depois veio a ser Senhor do Pituaçu um indivíduo cujo sobrenome era Parente Viana.

Em 1918, ou 1919, o português Manuel Luís Gomes adquiriu o Pituaçu pela quantia de 100:000\$000 (cem contos de réis). Um genro e sobrinho do novo proprietário, JOAQUIM GOMES SOBRINHO, casado com Ana Augusta Gomes (Donana), passou à condição de administrador do Pituaçu, cujas terras ocupavam cerca de 1.200 hectares, havendo então uma grande mata virgem, infelizmente desaparecida.

Sob a administração do Coronel Quinca (como era conhecido Joaquim), o Pituaçu conheceu a sua época de maior prestígio. Entre os anos de 1929-1930, o Coronel concluiu a construção de uma casa-grande, no Pituaçu. A casa foi levantada defronte ao prédio do engenho, ao sopé de

um pequeno morro, no qual foi plantado um pomar, em que se destacava um plantio de laranjas-da-baía. Mudando-se de Canguaretama, o Cel. Quinca foi residir com a família no engenho.

A casa-grande do Pituaçu mantém as mesmas características de sua fábrica original. Ostenta fachadas rebuscadas, com a cobertura arrematada por cornija, a pratibanda com ornatos de massa. A fachada principal da casa-grande, emoldurada por cunhais e cornija, apresenta no térreo duas janelas centrais, ladeadas por outras duas janelas mais largas, sendo todas elas de madeira pintada, assentadas em vãos de vergas retas com cercaduras de massa.

Ao nível do pavimento superior existe o mesmo número de janelas, que obedecem disposição idêntica à do térreo, estando as duas janelas centrais assentadas em vãos de arcos plenos, e as laterais em vãos de arcos abatidos. Todas as esquadrias são de madeira e vidro, possuindo cercaduras de massa.

O acesso principal da casa é feito através do alpendre lateral esquerdo, cuja cobertura acha-se apoiada em colunas de madeira. A escada que conduz ao primeiro andar, que ocupa parte da casa, é de madeira e tem a forma helicoidal, tendo sido construída à semelhança da escada existente na casa que pertencia a Fabrício Maranhão, em Canguaretama.

Abaixo da área ocupada pelo sobrado, encontra-se a sala de

visitas da casa, onde se destacam os retratos do Cel. Quinca e de sua esposa Donana. A casa possui o piso de tijoleira. Nela existem mais três quartos, no segundo dos quais ainda se encontra o oratório que era utilizado por Donana. Na casa encontram-se mais duas salas e uma cozinha, conservando-se ainda o velho fogão de ferro, à base de lenha.

A casa guarda ainda peças do seu antigo mobiliário, como: uma cama de casal, que pertenceu ao português Manuel Luís Gomes; um berço de balanço,

confeccionado de madeira torneada e com fundo de palhinha, apresentando mais um suporte para colocação de cortinado em forma de cegonha, o qual pertenceu à primeira filha de Donana; um guarda-roupa inglês, com espelho de cristal; duas camas de solteiro, de ferro. Existe ainda o velho cabriolé que conduzia os familiares do Cel. Quinca à vizinha Canguaretama...

O prédio do velho engenho fica à esquerda da casa-grande, à direita da qual encontra-se o antigo barracão, onde eram comercializados os produtos do

engenho. Do mesmo lado existe a antiga casa-de-purgar, onde funciona atualmente um pequeno museu, cujo acervo é constituído de peças do próprio engenho, tais como: antigas formas de açúcar, garafões que eram utilizados no fabrico de vinhos de caju e jenipapo, tachos de cobre, balança de madeira, uma serra braçal, um foleador de ferro para formicida, além de um pitoresco "pau-furado", que juntamente com um "chama", era, antigamente, utilizado pelos negros do engenho, em suas danças folclóricas.

No começo da década de 60, o Pituaçu promoveu a sua última moagem regular. A presença das usinas de açúcar promoveu a asfixia econômica dos velhos engenhos... Em 1966, houve uma tentativa de reviver os velhos tempos das "botadas", o que representou apenas o canto de cisne do velho Pituaçu... Desde então o engenho ficou de "fogo morto", a exemplo dos demais engenhos do vale, como Cunhaú, Outeiro, Cruzeiro, Boa Vista, Torre, Morim e tantos outros mais.

A casa-grande do Pituaçu pertence atualmente à sra. Olívia Gomes. O jovem engenheiro-agrônomo Eduardo Henrique Gomes de Carvalho, sobrinho de Olívia, vem desenvolvendo um eficaz trabalho de soerguimento do engenho, mas sempre preservando as tradições do Pituaçu.

Destacam-se no Pituaçu, dois marcos bem representativos: a velha chaminé do antigo engenho e uma cajazeira secular. Da casa-grande tem-se uma paisagem magnífica: os verdes canaviais, os coqueiros oscilantes, os carnaubais, os cercados de gado, além do "corredor", que corresponde à estradinha que conduz à cidade de Canguaretama.

**FONTES: "Pituaçu-Minha Vida", de Eduardo Henrique Gomes de Carvalho, Coleção Mossoroense, série C, vol. CDXXXV, 1988; "Canguaretama, o Município", de Nestor Lima, in Rev. do Inst. Hist. e Geog. do R. G. Norte, vols. XXVII-XXVIII, 1930-1931; outras pesquisas realizadas pela autora;**

